



GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos

Coordenador(es):

José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos

Debatedor/a: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências

Debatedor/a: Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activities – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

Os desafios da pesca artesanal na Ilha do Maio, Cabo Verde, frente aos desdobramentos de uma perspectiva colonial da modernidade.

Autoria: João Paulo Araújo Silva (Ministério da Economia)

Este work origina-se da minha dissertação de mestrado defendida em 2018 que tratou da pesca artesanal em Cabo Verde a partir do seguinte recorte: diante de um cenário de escassez generalizada do pescado, produzido pela expansão da exploração dos mares do arquipélago pela pesca industrial de origem nacional e estrangeira, tratamos da ausência dos atores da pesca artesanal da esfera política na qual, por exemplo, tomam-se as decisões sobre a continuidade dos acordos internacionais de pesca com a União Europeia, como um processo de invisibilização articulado a partir de duas frentes de fenômenos sociais, ou seja, na discriminação histórica sofrida por estes pescadores enquanto grupo social e na natureza marcadamente colonial da modernidade. Cursando graduação em Antropologia na UFMG, participei de um intercâmbio que me possibilitou estar por 5 meses na Ilha de Santiago. Ao longo desse tempo, me impressionou a extensão, a complexidade e o vigor do fenômeno da pesca artesanal em Cabo Verde. Por outro lado, foi impossível não notar o pouco interesse da academia sobre o tema e a ausência das vozes dos pescadores e peixeiras nas discussões estatais envolvendo a atividade. Com esta situação razoavelmente mapeada, pois ao longo desta primeira estadia entrevistei pescadores, peixeiras, agentes estatais e fiz levantamento bibliográfico sobre o tema, retornei ao arquipélago em 2017, desta vez para work de campo na Ilha do Maio. De início, fui a campo interessado em discutir a questão da escassez do peixe por se tratar do tema mais recorrente das minhas



primeiras entrevistas, ao mesmo tempo que era algo que estava sendo negado por alguns agentes do estado com quem conversei e por relatórios estatais sobre a situação dos estoques de peixe dos mares de Cabo Verde. A partir da Ilha do Maio, com seus pouco mais de seis mil habitantes e sendo uma das Ilhas mais ricas em pescado do arquipélago, cheguei ao quadro que segue: Há uma nítida cisão na narrativa dos pescadores sobre seu ofício que contrapõe o passado de fartura com o presente de angústias e um futuro de incertezas, algo produzido pela invasão generalizada de suas áreas tradicionais de captura por embarcações industriais de pesca. Apesar do cenário desfavorável, a comunidade pesqueira tem no conhecimento tradicional, mais especificamente no segredo sobre suas áreas de pesca, a principal ferramenta de resistência ante ao avanço da pesca industrial sobre seus pesqueiros. Além do mais, diante do desdém das elites políticas em relação a suas demandas, elaboram um discurso crítico sobre o estado que denuncia de forma contundente o abandono da pesca artesanal como um projeto político com vínculos cada vez mais estreitos com a exploração mecanizada e predatória da pesca industrial nacional e estrangeira.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: